

APRESENTAÇÃO

Ao encerrar-se o primeiro semestre, o mercado de trabalho apresenta uma série de números que apontam para a superação de um processo de deterioração que, excetuando-se o ano de 2000, vem marcando sua evolução desde 1997. São números que, mesmo não representando indicações inequívocas de que tal processo tenha sido superado, sinalizam de forma promissora nessa direção.

A partir da retomada clara do crescimento do nível de ocupação em março, esses sinais se estenderam à evolução da taxa de desemprego e também, ainda que de forma incipiente, aos indicadores de rendimentos. Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, o primeiro semestre se encerrou com uma variação média de 2,3% do nível de ocupação sobre igual período de 2003, com a taxa de junho alcançando a expressiva cifra de 3,3%, na comparação com junho do ano passado. A taxa de desemprego apresentou quedas consideráveis em maio e junho, como resultado não apenas do dinamismo da ocupação, mas também em razão da diminuição na quantidade de pessoas à procura de trabalho, o que provocou um recuo, nesse indicador, de 1,3 ponto percentual em junho em relação ao observado no mesmo mês do ano passado. Por sua vez, a ligeira melhoria que os rendimentos médios reais vêm apresentando permitiu que a massa salarial real superasse em 2,9%, no final do semestre, os valores observados em junho de 2003.

Quanto às perspectivas para os próximos meses, deve-se observar uma continuidade na atual evolução do nível de ocupação, incluindo a ampliação expressiva da quantidade de empregos com carteira, à medida que se confirmem as previsões de crescimento da economia para este ano (em torno de 3,5%) e se consolidem as expectativas otimistas para 2005. Isso fará com que a taxa de desemprego mantenha sua tendência de queda, a despeito de eventuais oscilações que possam ocorrer. Também os rendimentos reais devem consolidar sua trajetória de recuperação, dando um novo impulso ao aumento da massa salarial e contribuindo para que o mercado de consumo interno passe a funcionar também como um elemento dinamizador do crescimento da economia, ao lado das exportações e dos investimentos em formação de capital.

Contudo, o grau de deterioração que o mercado de trabalho, de forma estrutural, apresenta faz com que essa evolução positiva, mesmo que sustentada ao longo de vários anos, dificilmente possa dar conta — por si só e de forma automática — das inúmeras carências que se foram acumulando ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, este número do boletim *Mercado de Trabalho Conjuntura e Análise* traz como tema de reflexão as esperanças e os desafios que a economia solidária suscita, não só naquilo que se refere à sua contribuição às questões do emprego e da desigualdade de renda, mas também como perspectiva de realização integral do ser humano, na medida em que, nela, ele possa desenvolver amplamente suas capacidades, tornando o trabalho uma parte constitutiva e fundamental de uma rede maior de relações sociais justas e fraternas.

A seção Opinião dos Atores é aberta com a visão do professor Paul Singer, titular da Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, sobre as propostas e desafios das políticas federais de apoio ao desenvolvimento da economia solidária. A professora Sonia Maria Rocha Heckert, coordenadora da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, prossegue o debate contribuindo com uma análise do papel da universidade nesse projeto histórico de construção do campo da economia solidária, ao passo que Luigi Verardo, da Anteag, situa — na história recente do capitalismo — o processo de emergência da proposta autogestionária.

Também as três notas técnicas — de autoria de Marcio Pochmann, atual secretário de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura de São Paulo; de José Ricardo Tauile, professor e pesquisador do Instituto de Economia (IE) da UFRJ, e Huberlan Rodrigues, também pesquisador do IE; e de Brunu Marcus F. Amorim e Herton Ellery Araújo, técnicos do IPEA — tratam das condições de surgimento e de consolidação — no Brasil atual — do paradigma de relações de trabalho solidárias. São textos às vezes densos, sempre estimulantes. Um conjunto de contribuições que certamente irá constituir-se em uma referência para a continuidade da reflexão.